

LEVANTAMENTO DAS QUEIXAS DE LEITURA EM ESCOLARES E CORRELAÇÃO COM FLUÊNCIA EM LEITURA

Ações de pesquisa, ensino e extensão voltadas para sociedade

Marta de Vargas Romero¹

Helena Bolli Mota²

Bianca Nunes Pimentel³

Priscilla Cristina dos Santos Martins⁴

Valdete Alves Valentins dos Santos Filha⁵

RESUMO

A fluência em leitura pode ser um balizador do desempenho do aprendiz, pois, na medida em que o mesmo apresenta a leitura pouco fluente, a compreensão do texto ficará comprometida. Objetivou-se levantar as queixas de leitura apresentadas pelos pais/responsáveis de escolares e investigar a fluência em leitura, correlacionando esses resultados. Amostra foi por constituída por 40 escolares de ambos os gêneros, 23 femininos, de oito e nove anos. Descartou-se alterações auditivas, visuais e de fala, bem como déficit intelectual. Aplicou-se anamnese quanto à leitura e o Teste de Fluência em Leitura. Verificou-se que 41% relataram alguma dificuldade de leitura, dos quais: 28% não conseguem ler, 67% leem mas não compreendem, 50% demoram para ler e 16% não gostam de ler. Houve grande variabilidade nos resultados da fluência em leitura. Pela análise de correlação entre as queixas de leitura apresentadas e os resultados na fluência em leitura, verificou-se que estiveram fortemente correlacionados ($p=0,000001$). Concluiu-se que houve ampla presença de queixas de leitura nessa amostra, inclusive de leitura lenta, possivelmente atrelada à fluência limitada; a variabilidade apresentada na fluência em leitura deve servir de alerta. Finalmente, a forte correlação entre a queixa dos pais/responsáveis e a fluência em leitura confirma os pais como os melhores colaboradores para identificar as dificuldades dos escolares.

Palavras-chave: Queixas de leitura – Fluência em Leitura – Escolares

¹ Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

² Doutor, Universidade Federal de Santa Maria.

³ Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

⁴ Acadêmica, Universidade Federal de Santa Maria.

⁵ Doutor, Universidade Federal de Santa Maria.

INTRODUÇÃO

Ler é considerado um processamento de informações, onde se transforma escrita em fala ou escrita em significado. O indivíduo que aprendeu a ler adquiriu um sistema mental de dados, o qual deve estar apto a fazer essa transformação (COLTHEART, 2013). Plaut (2013) registra que a leitura é uma atividade complexa que implica em coordenação rápida de processos visuais, fonológicos, semânticos e linguísticos.

Entende-se que para considerar um indivíduo um leitor proficiente, é necessário que esse acesse o significado do conteúdo lido. Para tanto, o passo inicial é o reconhecimento da palavra, com posterior acesso ao léxico mental. A partir disso o indivíduo poderá agregar suas experiências e conhecimentos prévios e interpretar a forma escrita conforme suas possibilidades. Qualquer modelo de reconhecimento visual de palavras deve considerar a interatividade dos diversos componentes do sistema com esse fim, que são o ortográfico, fonológico e semântico, os quais ativam-se e inibem-se mutuamente durante a leitura de palavras (LUPKER, 2013).

Estudos que buscam entender as condições de leitura e escrita da população brasileira têm sido alvo de diversas áreas, tais como a Educação, a Linguística, a Fonoaudiologia e a Psicologia. Esse interesse crescente ocorre devido às precárias possibilidades de leitura e de escrita por parte de pessoas com diferentes níveis de escolarização e residentes em diversas regiões do país, conforme indicam os dados do Índice de Alfabetismo Funcional de 2011-2012 (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2012). De acordo com este indicador, apenas 26% dos brasileiros possui nível pleno de letramento, significando que somente um quarto da população nacional domina a linguagem escrita de forma efetiva, interpretando, compreendendo, inferindo e produzindo textos escritos significativos (MAZZAROTTO et al, 2016).

Massi e Santana (2011) alertam que compreender a família como mediadora capaz de significar as funções e os usos da linguagem escrita contribui para compreender a necessidade de se fazer investimentos em intervenções voltadas

também aos familiares das crianças em fase escolar. Para as autoras, a família é considerada como fundamental na constituição da subjetividade da criança, bem como na história de relação que essa criança estabelece com a linguagem. Assim, a visão que os pais têm sobre a criança e sobre possíveis dificuldades apontadas no contexto escolar tem impacto determinante na constituição do vínculo que a criança estabelece com a linguagem escrita.

Pelo supracitado, objetiva-se com este trabalho levantar as queixas de leitura apresentadas pelos pais/responsáveis de escolares do terceiro ano do Ensino Fundamental (EF) de escola pública do município de Santa Maria-RS, pesquisar a fluência em leitura nesses escolares e correlacionar esses resultados com as queixas de leitura levantadas.

DESENVOLVIMENTO

Os resultados dessa pesquisa foram as queixas relatadas pelos pais/responsáveis ao responderem à anamnese, o desempenho apresentado pelos escolares no Teste de Fluência em Leitura (TFL) (JUSTI e ROAZZI, 2012) e finalmente a correlação estatística (Correlação de entre queixas e fluência (ambas em leitura). Foi utilizado o teste *Shaphiro-Wilk* para testar a normalidade dos dados, e para analisar as correlações foi utilizado o teste *Spearman* com o aplicativo computacional Statistica 9.1, com o nível de significância de 5%.

Quanto às queixas relatadas pelo pais/responsáveis, verificou-se que 41% relataram alguma dificuldade de leitura, dos quais: 28% não conseguem ler, 67% leem mas não compreendem, 50% demoram para ler e 16% não gostam de ler (Gráfico 01). Salienta-se que houve casos de concomitância de duas ou mais queixas, excedendo a percentagem de 100%.



Gráfico 01: Queixas de Leitura geral e por tipo (%)

No estudo de Mazzarotto et al (2016) também foi encontrado percentual significativo de queixas de leitura dentre os escolares. E assim como neste estudo, as queixas foram simultâneas, configurando percentagem superior a 100%. Isso indica que, quando a criança apresenta alguma queixa de leitura, mais de uma habilidade parece estar comprometida: velocidade, compreensão e gosto pela leitura, por exemplo.

Percebe-se ampla divulgação de estudos que investigam as queixas relacionadas a leitura em escolares em séries iniciais a partir da visão do professor (KAWANO et al, 2011, NASCIMENTO et al 2011, OLIVEIRA et al 2012). Entretanto, considera-se que as queixas apresentadas pelos pais devam ser valorizadas em todos os contextos escolares, principalmente os de leitura, uma vez que essa compõe um dos pilares da progressão acadêmica. Ratifica-se a escassez de estudos dessa natureza.

Nesse sentido, esse estudo corrobora com Mazzarotto et al (2016), que sugere o desenvolvimento de abordagens que promovam o empoderamento dos familiares a partir de discussões em torno dos aspectos envolvidos com a linguagem escrita, com seus processos de apropriação/uso e com problemas e dificuldades que podem fazer parte dos mesmos.

Os resultados da fluência em leitura (TFL) mostraram-se bastante variáveis neste estudo. Na amostra geral, os valores variaram entre zero e 45 acertos. Quando realizada análise dos escolares apontados pelos pais/responsáveis como tendo queixas de leitura, a média foi de 8,15 acertos. Por outro lado, a média do grupo que negou queixas de leitura foi de 26,22 acertos.

Esse resultado corrobora o apresentado por Nascimento et al (2011), que igualmente encontrou resultados inferiores em fluência dos escolares apontados como tendo dificuldades de leitura. Isso fortalece a hipótese de que a leitura lenta (menos fluente) é percebida como uma dificuldade, e consegue ser reconhecida quando se analisa o desempenho do escolar nas atividades escolares. Quando testada a habilidade de fluência leitora, confirma que os escolares com queixas são os que apresentam menor desempenho no teste.

Kawano et al (2011) encontrou a média de 15,5 de acurácia na leitura dos escolares com queixas de leitura, ou seja, maior do que identificado nesse estudo. Entretanto, essa diferença provavelmente decorra do fato de Kawano et al (2011) ter estudado escolares de 3º, 4º e 5º anos, já estando comprovado que o desempenho em leitura tende a aumentar com o avanço dos níveis escolares (SALLES et al, 2013). O presente estudo, por outro lado, contou apenas com escolares de 3º ano, o que pode ter tido como implicação resultado menor no teste de fluência em leitura.

Finalmente, realizou-se a correlação entre as queixas apresentadas pelos pais/responsáveis relacionadas à leitura dos escolares e o desempenho no TFL. O resultado da correlação encontra-se na Tabela 01. Verificou-se que houve uma correlação significativa entre as queixas de leitura e a média em fluência em leitura ($p < 0,05$).

Tabela 01: Correlação na média acertos no TFL de crianças sem queixas de leitura (N=27) e crianças com queixas (N=13).

	Sem queixas	Com queixas	p
Média no TFL	26,22	8,15	0,000001

Teste estatístico utilizado: Teste de *Spearman*. Valor de significância: $p < 0,05$.

Essa correlação positiva indica que a presença da queixa de leitura esteve associada ao menor desempenho de fluência em leitura . Isso vai ao encontro do que anteriormente foi apresentado, da necessidade de colocar os pais/responsáveis como protagonistas do processo de aprendizagem dos seus filhos, pois realmente mostraram-se sensíveis ao que se comprovou no teste (TFL).

Além disso, considera-se que a investigação e a intervenção da leitura devem acontecer na escola como um todo, uma vez que a fluência, apesar de isoladamente não garantir o sucesso na leitura, pode ser considerada como um facilitador para a compreensão da leitura textual (PACHECO e SANTOS, 2017).

CONCLUSÃO

Respondendo aos objetivos dessa pesquisa, aponta-se que houve presença significativa de queixas relacionadas à leitura nessa amostra. Em resposta à anamnese, os pais/responsáveis acusaram, dentre outras dificuldades, a leitura lenta, possivelmente decorrente de defasagem em fluência em leitura, uma das habilidades passível de ser avaliada.

Dando continuidade ao que propôs o trabalho, avaliou-se a fluência em leitura desses escolares, quando verificou-se variabilidade nos resultados desse teste, oscilando de nulo a elevado. Esse resultado deve servir de alerta a toda a comunidade escolar, pois considera-se que a fluência em leitura pode otimizar a compreensão do texto. Significa dizer que qualquer indício de alteração de fluência deve ser investigado, e se necessário, sofrer intervenção.

Finalizando, a forte correlação entre as queixas de leitura relatada pelos pais/responsáveis e o desempenho no teste de fluência em leitura revela um indicativo positivo, em virtude de confirmar os pais como os colaboradores centrais e indispensáveis na identificação das condições acadêmicas de seus filhos.

Conclui-se que se alcançou os objetivos propostos, contribuindo na necessária aproximação da família aos assuntos educacionais dos escolares, na medida em que se comprovou estarem esses pais sensíveis às dificuldades de seus filhos, a partir da análise da queixa e sua correlação com teste de fluência em leitura.

REFERÊNCIAS

- COLTHEART M, Modelando a leitura: a abordagem da dupla rota. In: SNOWLING J, CHARLES H. A Ciência da Leitura. Porto Alegre: Penso; 2013. p 24-41.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, Ação Educativa. Inaf Brasil 2011: principais resultados. 2012 [acesso em 13 nov 2015]. Disponível em <http://www.ipm.org.br>.
- JUSTI, C. ROAZZI, A. A contribuição de variáveis cognitivas para a leitura e a escrita no Português Brasileiro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 605-614.
- KAWANO CE, KIDA ASB, CARVALHO CAF, ÁVILA CRB. Parâmetros de fluência e tipos de erros na leitura de escolares com indicação de dificuldades para ler e escrever. *Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*. 2011;16(1):9-18.
- LUPKER SJ, Reconhecimento visual de palavras: teorias e estudos. In: SNOWLING J, CHARLES H. A Ciência da Leitura. Porto Alegre: Penso; 2013. p 57-78.
- MASSI G, SANTANA AP. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. *Paidéia*. 2011;21(50):403-11.
- MAZZAROTTO, IHEK, BERBERIAN, AP, MASSI, G, Cunha JT, TONOCCHI R, BARBOSA APB. Encaminhamentos escolares de crianças com dificuldades na escrita: uma análise da posição adotada pela família. *Revista CEFAC*. 2016; 18(2):408-416.
- NASCIMENTO TA, CARVALHO CAF, KIDA ASB, ÁVILA CRB. Fluência e compreensão leitora em escolares com dificuldades de leitura. *Jornal Sociedade Brasileira Fonoaudiologia*. 2011;23(4):335-43.
- OLIVEIRA JP, SANTOS AS, ASPILICUETA P, CRUZ GC. Concepções de professores sobre a temática das chamadas dificuldades de aprendizagem. *Rev. bras. educ. espec*. 2012;18(1):93-112.
- PACHECO V, SANTOS AJ. A fluência e a compreensão leitora em diferentes níveis de escolaridade. *Confluência A Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. 2017; 52: 232-56.
- PLAUT DC, Abordagens conexionistas à leitura. In: SNOWLING J, CHARLES H. A Ciência da Leitura. Porto Alegre: Penso; 2013. p 42-56.



-SALLES JF, PICCOLO LR, ZAMO, RS, TOAZZA R, Normas de desempenho em tarefa de leitura de palavras/pseudopalavras isoladas (LPI) para crianças de 1º ano a 7º ano. Estudos de Pesquisas em Psicologia. 2013; 13(2):397-419.

Trabalho apoiado pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) e Fundo de Incentivo à Pesquisa – FIPE Sênior UFSM